

## **EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLEXÕES DE UM CORPO (CÉREBRO) NEGRO E FEMININO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

NÁGILA DE ANDRADE SANTOS<sup>1</sup>

SILVANO DA CONCEIÇÃO<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O objetivo desse trabalho foi discutir as relações étnico-raciais na educação superior, partindo do reflexo do corpo negro e feminino, da autora que vos escreve, "existindo" na educação superior, para discutir e tecer reflexões da autoestima intelectual desse corpo (cérebro) marcado, demarcado e atravessado pela cor e gênero. Ser interpelado num espaço que por muito tempo nem se quer considerou esse corpo (cérebro). E agora, como lidar com esse "corpo estranho" num espaço onde só cabia "padrão/modelo?". A questão do gênero aparece de forma sucinta, mas não poderia deixar de ser mencionado, pois ser negra e mulher potencializa o estigma intelectual dado a esse grupo. A autocobrança para validar a presença de seu corpo nesse espaço, pode estar ligada a quem se é. Tecendo discussões da importância do educador antirracista no espaço acadêmico, que transgrida a educação com viés mercantil e que por muitas vezes, acaba idealizando um modelo de aluno gênio, pronto, preparado, sem margem para errar e aprender. Ser mulher e negra na academia pode gerar conflitos internos refletidos pelas expectativas externas desse corpo num espaço considerado "para poucos". Ainda é preciso difundir dentro desses espaços, que o

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), na UESB. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), membro do Grupo de Estudos Legados Africanos Legislação Educacional (GEPER), e-mail: [nagilaandrade19@hotmail.com](mailto:nagilaandrade19@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn/UESB) e Coordenador do Grupo Estudos e Pesquisa "Legados Africanos, Relações Étnico-raciais Contemporâneas e Legislação Educacional"



“espaço da intelectualidade” pode ser de todos. Precisamos criar espaço na “vida acadêmica”, onde ninguém questione se esse lugar é de fato o seu lugar. Onde o conhecimento é intermediado de forma respeitosa com a “subjetividade” do sujeito. Deixando de lado o modelo ideal de aluno e, construindo com os alunos uma educação cada vez mais democrática, plural, para além do mercado de trabalho, com uma identidade antirracista.

**Palavras-chaves:** Antirracismo. Autoestima intelectual. Corpo negro. Gênero.

## INTRODUÇÃO

O título deste trabalho, “educação para as relações étnico-raciais: reflexões de um corpo (cérebro) negro e feminino na educação superior”, traz o termo corpo com o cérebro entre parênteses para enfatizar que este corpo não está desatrelado de um cérebro. Mesmo sabendo que o significado de corpo pode ser entendido na sua totalidade (Sousa, 1983), o cérebro foi posto para destacar que este corpo negro pensa, reflete sobre o mundo em que está e, nesta pesquisa, objetiva discutir algumas questões raciais no espaço acadêmico, especificamente duas: a autoestima intelectual desse corpo (cérebro) negro e feminino que adentra o nível superior de ensino e a postura do educador antirracista nesse espaço, de adultos, de cobranças, onde perdura uma ideologia do aluno gênio (Cruz, 2023).

Fazendo questão também de demarcar no título, o lugar do feminino, entendendo que esta pesquisa atravessa a questão de gênero, questão essa que também perpassa o espaço acadêmico, local que, por muitas vezes, conserva resquícios machistas. Portanto, um corpo feminino e negro dentro do espaço acadêmico pode gerar interpelações machistas com viés racista, as discriminações se associam. Pois, como desvela Hooks em “teoria feminista: da margem ao centro” (2019), as mulheres negras, enquanto grupo étnico, estão na base da pirâmide ocupacional, sendo oprimidas de



forma sexista, racial, classista, defrontando-se com um compilado de opressões.

Então, ser mulher e negra dentro da pesquisa pode levar esse corpo (cérebro), a um lugar de constante vigilância, a um lugar de autoafirmação o tempo todo, com uma autocobrança interna e externa de ser uma pessoa "capaz" de ocupar esse espaço. Sem margem para errar e aprender. Porque se errar, esses marcadores de gênero e raça podem ser determinantes para essa "falha" e, se "não souber", o lugar desse corpo (cérebro) pode ser questionado.

Ao ler o livro: racismo brasileiro: uma história da formação do Brasil (2022), da Ynaê Lopes dos Santos, doutora em história social. Deparei-me com algumas inquietações que surgiram desde o meu adentramento no ensino superior de ensino, no curso de licenciatura em letras, o qual não conclui. Não quero aqui tornar este trabalho sobre mim, trazendo um relato pessoal, mas, pretendo, a partir de mim, um corpo negro, habitado por uma mulher, suscitar reflexões acerca do racismo e a compreensão parcial sobre o mesmo que é disseminada na sociedade. Que acaba dificultando na efetivação de pessoas que sejam de fato antirracistas, e não apenas progressistas de discursos.

Ser antirracista requer em assumir uma identidade, a identidade antirracista só pode ser construída com a dimensão total do racismo, como aponta Santos (2022), autora que citei anteriormente, é necessário compreender que o racismo se dá pela estrutura racializada da nossa sociedade, que tem a raça branca no local de privilégio e os não brancos no lugar da discriminação.

Portanto, o lugar racial de uma pessoa vai "direcionar" seu papel na sociedade. Assim, muitas pessoas negras, assim como eu, acabam tendo de viver em uma luta interna e externa de forma constante, a fim de superar o racismo e as mazelas que ele deixa na psiquê desse sujeito (Sousa 1983). Para que ele lute contra este lugar ao qual é "destinado", fazendo suas



escolhas, galgando os lugares escolhidos, e não os racialmente determinados.

E, que nesses espaços escolhidos/conquistados, possa encontrar educadores com uma consciência racial crítica. Com escuta e olhar sensível para entender que as subjetividades de cada aluno estão marcadas pela memória de vida deles, sendo assim, o “desempenho”, a potencialidade do aluno não deve ser resumida a fragmentos do processo de avaliação. Tendo em mente que nem a subjetividade de um ser é construída de forma unilateral, nos questionando como podemos elaborar juntos (alunos e professores), uma “vida acadêmica” onde vidas não sejam negligenciadas?

### **AUTOESTIMA INTELLECTUAL, UMA QUESTÃO SOCIAL E RACIAL**

Este título se dá, como mencionado na introdução, pela reflexão dos efeitos do racismo a partir do corpo negro, de uma mulher, dentro da academia. Sem pretender ser o centro da pesquisa ou torná-la pessoal, mas, entendendo que a pesquisa não está dissociada de quem somos, e aqui, a pesquisadora está imbricada na produção do trabalho, sem desconsiderar a importância de ser para além de mim e dos meus traumas com o racismo, objetivando refletir para o coletivo.

Estamos numa sociedade que requer, cada vez mais, qualificação, competências e habilidades diversas para estar no mundo do trabalho que não seja um subemprego. A academia é produção dessa sociedade, refletindo nela a produção do capital, a produção mercantilista do conhecimento gera no estudante uma pressão vil. Mas, quais condições de trabalho esse estudante tem para geral essa alta produção pretendida?

O número de estudantes acometidos com doenças psíquicas dentro da academia é alarmante (Gomes et al, 2020). O sistema de avaliação que mede o conhecimento em notas, o exame fragmentado de habilidades e comparação com outros colegas desencadeadas pelo próprio sujeito ou



pelos educadores que introjetaram e não se destituíram de uma educação mercantilista e voltada para a competição.

Autoestima refere-se à avaliação subjetiva que fazemos de nós mesmos, incluindo nossos sentimentos de valor, competência e autoaceitação. É a maneira como nos vemos e nos valorizamos como indivíduos. A autoestima pode ser influenciada por várias experiências e fatores, como conquistas, relacionamentos e autocrítica.

Essa avaliação “subjetiva”, deve ser entendida que a subjetividade é construída através de uma interação complexa entre experiências individuais, interações sociais e influências culturais. Ela é moldada por uma variedade de fatores e não é determinada por um único sujeito.

A autoestima intelectual é a percepção que uma pessoa tem sobre suas próprias habilidades intelectuais e seu valor como indivíduo pensante. Infelizmente, o racismo pode ter implicações negativas nesse aspecto.

A pessoa que no seu local racial é uma pessoa não branca, sofre racismo desde a mais tenra idade. Racismo, muitas das vezes que começa no seio familiar, onde pessoas que deveriam estar para proteger e amar, refletem o racismo dentro de casa. Não quero aqui culpabilizar a família, o racismo é perverso e se dá num viés que dificulta a real seriedade em que deve ser interpelado. A Santos (2022) traz uma ponderação interessante sobre como o racismo na sociedade brasileira é alocado na ideia de “opinião” (achismos), onde todos tem algo a falar sobre, mas nem todos tem a dimensão total sobre esse fenômeno, isso faz com que ele seja muitas das vezes, não seja encarado com a devida seriedade.

## **O EDUCADOR ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Como operar na educação superior? Como os professores que atuam na graduação e/ou pós-graduação devem entender ou estarem aptos a entender dentro das relações da diversidade dos alunos, de como o corpo

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



negro chega naquele local, que não chega sozinho, que não chega apenas com o seu corpo presente. Um corpo traz consigo histórias, memórias, afetos, desafetos, traumas, memórias de vida. Então, como entender.

Quando um aluno, que por ventura, possa ter alguma dificuldade nas atividades cotidianas, para se expressar, ser "tímido" ou "medo" de falar, o que pode estar por trás disso? Será falta de "capacidade"? Mesmo sabendo que ele passou por um processo seletivo para estar nesse local? Ou será medo falta de autoestima intelectual para ocupar esse espaço? então, como um educador antirracista pode intervir para que esse aluno consiga fortalecer a sua autoestima? na construção do entendimento de que aquele espaço é um lugar para ele?.

Não venho com respostas prontas, não sou professora no ensino superior, está escrita é um convite à um diálogo/ reflexão das práxis exercidas no espaço acadêmico, tendo como alvo o professor que se declara antirracista. Destaco aqui algumas possíveis problemáticas que pairam na interação professor-aluno.

Primeiro destaque: discurso da meritocracia e a busca do aluno ideal. Desde que galguei o ensino superior, já escutei por parte de alguns professores que o ensino superior "não é para qualquer um", que nem todo mundo "nasceu para estar na academia". A quem beneficia esse discurso? qual é o modelo ideal de aluno esperado por alguns professores? Ainda há um modelo preestabelecido em pleno século XXI, com as novas pedagogias em discussões? Com um público cada vez mais diverso, graças as políticas públicas, implementadas na educação por lutas constantes dos movimentos sociais, como aponta (Gomes, 2012), os caminhos que estão sendo trilhados para uma educação mais equitativa não partiram de dentro, mas de fora para dentro, foi uma conquista do povo, e no que toca a educação para as relações étnico-raciais, é uma conquista do movimento negro, em sua mais .

A ideologia do gênio (Cruz, 2023), dentro do espaço acadêmico, acarreta sofrimento em muitas pessoas. Naturalizar sujeitos que escrevem



com facilidade, que produz em larga escala e também naturalizar quem não consegue reservado o discurso do “não lugar” para esse sujeito, levamos a refletir como a academia, fruto da colonização, ainda precisa ser indagada em suas práticas e discursos. Mas, como ser descolonial dentro da “colonialidade”? Como subverter discursos e práticas que de forma quase que estratificadas agem de maneira tão conservadora?

Para subverter essa tradição conservadora precisamos manter viva os ideais da pedagogia do oprimido (Freire, 2020), propondo nesse ensino “superior” uma pedagogia que seja de fato libertadora, buscando a emancipação dos oprimidos. Dando relevância a uma participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Buscando constantemente romper com as relações de dominação e opressão na educação, promovendo equidade. Na busca de uma educação cada vez mais inclusiva e humanizadora.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Ao longo do texto, pode-se observar que a falta de autoestima intelectual atinge muitas pessoas no espaço acadêmico, que, por vezes, pode ser massacrante e, que ainda opera com as engrenagens da colonialidade, tendo modelo de aluno, e fazendo da exceção regra.

Entendendo que o sujeito é subjetivo e cada corpo (cérebro), transita uma memória de vida, delimitei a traçar um olhar de mim a partir de mim, para discutir como um corpo negro e feminino é interpelado e sob essa ideologia do gênio na academia, tanto difundida nesse espaço.

O racismo deixa marcas indelévelis no sujeito acometido. No que se refere a autoestima desse corpo (cérebro) negro e feminino muitos estigmas e discriminações podem tornar-se impasses para um processo formativo saudável. Esse corpo já adulto, “subjetivo”, chega à educação superior de ensino, com suas memórias e possíveis traumas com o racismo, o racismo é



uma violência cruel, que infelizmente é atenuada, com os achismos sobre o que ele é, com a culpabilização dos que são acometidos por ele, taxados como "vitimistas", o que gera uma falta de consciência do real estrago que ele faz na vida de muitas pessoas negras.

Mas o que refutar de um corpo (cérebro) negro que durante toda sua vida, iniciando da mais tenra idade, é insultado, discriminado. A subjetividade do ser adulto, "dono de si", é construída pelas vivências desse sujeito na sociedade, na relação com as outras pessoas. Sendo assim, como a subjetividade da pessoa que lida com o racismo diariamente reflete nessa relação com os seus pares (colegas), professores e o próprio conhecimento científico?.

Ser mulher e negra na academia pode gerar conflitos internos refletidos pelas expectativas externas desse corpo num espaço considerado "para poucos". Ainda é preciso difundir dentro desses espaços, que o "espaço da intelectualidade" pode ser de todos, mesmo aos que não se familiarizam tanto com os escritos franceses, estadunidenses e alemães, até com os que precisam ler mais de uma vez para entender um único conceito.

Necessitamos de criar espaços onde o aluno consiga expressar-se sem medo do erro, sabendo que pode "errar", se expor, tendo a certeza de que as falhas, o que não se sabe, pode ser pontes para construir o próprio conhecimento. O processo de aprendizagem, como o nome já deixa explicitado, processo; demandando dedicação, tempo e se dá de maneira mais efetiva na coletividade.

A "genialidade" pode ser contemplada em um aluno que outrora não tinha perspectiva nenhuma de estar no ensino superior, sem apoio, sem referência familiar nesse espaço, mas, apoia-se numa esperança e uma crença profunda de que só através da educação que sua realidade pode ser transformada e conquista esse lugar, com muito esforço.

Precisamos criar espaço na "vida acadêmica", onde ninguém questione se esse lugar é de fato o seu lugar. Onde o conhecimento é





intermediado de forma respeitosa com a "subjetividade" do sujeito. Deixando de lado o modelo ideal de aluno e, construindo com os alunos uma educação cada vez mais democrática, plural, para além do mercado de trabalho, com uma identidade antirracista.

## REFERÊNCIAS

CRUZ, Robson Nascimento. **"A ideologia do gênio como produção do sofrimento na vida acadêmica"**. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/kC1CxNO9CYE?si=aMcZ3TkX00oXhMUh> acesso em: 18/10/2023.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. \_75. ed. \_ Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educação: Ressignificando e Politizando a raça**, Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GOMES, Carlos Fabiano Munir. JUNIOR, Ronaldo José Pereira e et al. **Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades**. 2 SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. jan.-fev. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. \_2. ed. \_São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução Rainer Patriota. \_ São Paulo: Perspectiva, 2019.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: Uma história da formação do país**. \_ 1. ed. \_ São Paulo: Todavia, 2022.